



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Faltaba — Lisboa — Telefone: 5339
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATAHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

AS ELEIÇÕES À PORTA!

Os preparativos para a farça eleitoral de domingo

As combinações entre os partidos — A liberdade do voto e as manobras dos caciques — A campanha eleitoral na província — A urna, cidadãos! — O que hoje é crime foi ontem patriotismo — Eleições para quê? — A perfeição do sistema — Quem elege os deputados — Desnecessidade dos programas — O voto popular não é contado — Quem são os eleitores? — O eleitorado forçado — Os mortos também votam — A burla do sufrágio e do parlamentarismo — Delegar o nosso poder é perdê-lo — Versos da «Internacional»

Vão realizar-se, no domingo, as eleições gerais no país. Mais uma vez, pois, vamos assistir à representação da comédia eleitoral. Nos arrais da política é já grande a zafama. Entre os partidos formulam-se os mais indecentes convênios, os mais incongruentes acordos. Alguns que têm andado envolvidos em rixas, algumas das sangrentas, e nas quais é a arraiada quem tem pago as faves, fizeram já as pazes para disputar o direito de fazer as eleições.

O governo anda absorvido com a montagem da máquina eleitoral e faz indecorosas combinações com os demagogos e apoia candidaturas de monarquistas que se apresentam com o disfarce de regionalistas. A inteira liberdade do voto será, é claro, manida. Além da promessa pertencente à cartilha de todos os governos, lá na monarquia assim acontecia. Na prática, porém, é o que se tem visto.

Pelas províncias, onde todos os políticos, desde o mais alto aristocrata ao mais humilde cabo de regedoria de aldeia, se escaifam num labutar insano de caciquismo, circulem os manifestos no povo nos quais cada candidato expõe os seus planos salvadores, faz as suas largas promessas, afirma o seu amor pela terra que o quer (?) honrar com a sua representação, e se incommensurável desinteresse e patriotismo, o sacrifício que faz aceitando o mandato do povo só justicável pela sua vontade inderrogável de trabalhar para a felicidade da nação, terminando por afirmar ser um crime faltar ao acto cívico por excelência, aqui em que melhor se afirma a soberania do Povo e ao qual deve presidir — acrescentam os demagogos — a maior austeridade, tanto mais que se vive em democracia onde se não podem reproduzir os escândalos, as galopagens, os roubos de vozerias e outras tranqüilizantes abundavam nos tempos infaustos da monarquia. Mas o pior é que os jornais já não falam noutra coisa que não seja em manobras eleitorais praticadas, aqui e ali, pelos governadores civis e pelos caciques regionais.

A estas horas anda a província infestada de caçadores de votos que a percorrem apregoando, em comícios e de porta em porta, os seus elixires maravilhosos, com os quais contam curar todos os males de que enferma a nacionalidade. E por lá andam apertando a mão dos pobres diábolos, a quem visitam nos seus humildes casebres, tratando-os familiarmente por amigo, oferecendo-lhes o seu préstimo e a sua protecção, distribuindo promessas de empregos e colocações, estradas, chafarizes e lampões de porta, abolição de todas as leis que mais ou menos prejudicam os interesses do povo da região e votação doutros que o beneficiem. E os pobres diábolos, honrados, por terem ido até eles todos aqueles senhores que deles vivem afastados prometem votar neles e, acompanhando os à estação da vila, bradando: Viva o sr. fulano! Viva o sr. beltrano!

O sr. fulano e o sr. beltrano lá seguem para outra terra em cata de outros votos, iludindo os papalvos sempre com os mesmos promettimentos de que absolutamente esquecem, uma vez votados nos cómodos e rendosos fauteuils de S. Bento.

Imprensa política, nos tipos mais negros dos seus exaltados, já brada: «A urna, cidadãos!» e repete mil vezes que o povo é soberano, que é preciso que ele exerça votando essa sua soberania e que ele expresse a sua vontade pela boca das urnas. E o Mundo, esquecendo-se que no tempo do sionismo o seu partido pregou e praticou a descrença às urnas, diz agora que é um crime, que não é patriótico aquela cidadão que não se apressa a ir meter o papulho na greta da caixa dos votos.

E a estas torpezas e subornos, ameaças e promessas, combinações e convênios, em que uns aos outros pretendem iludir-se na própria insinceridade do acto, se chama campanha eleitoral — primeira cena e primeira mentira dessa farça e dessa burla a que se chama eleições. Eleições! Mas há porventura eleições em Portugal? Não, em Portugal não há eleições; há eleições.

O acto eleitoral não passa de um simulacro para guardar as aparências, e essa campanha eleitoral que o precede seria absolutamente dispensada se não fosse o interesse em manter a mentira chamada sufrágio, da qual vive a democracia e com a qual os republicanos exploram a vulgar ingenuidade do povo.

De facto, a engrenagem eleitoral está hoje tão perfeitamente montada que antes que as urnas falem já se sabe o que elas vão dizer. O progresso na arte eleitoral permite de antemão fazer-se os cálculos tanto quanto possível aproximados sobre o resultado das eleições, e os jornais de grande infor-

A Terceira Internacional

Inaugurou-se o congresso comunista de Moscúvia

Em 23 de Junho inaugurou-se em Moscúvia o terceiro congresso da Internacional Comunista.

Zinovieff pronunciou o discurso de abertura, começando por recordar os comunistas que no estrangeiro tem sido vítimas da sua dedicação à causa proletária. Em seguida historiou o movimento comunista nos diversos países, desde o último Congresso, referindo-se à crise agudíssima que todos eles atravessam, à falta de trabalho e às greves que cada vez se tornam mais frequentes. Saudou os representantes do partido socialista italiano, que se desembracaram dos chefes reformistas, dizendo que na sua opinião dentro em breve todo o proletariado estará com eles. Atacou a Internacional Sindicalista de Amsterdã que opôs a Internacional vermelha, que já conta em seu seio 15 milhões de aderentes. Terminou por saudar os delegados dos países orientais.

Em seguida falaram Kamenef, Vailant, Coudrier que saudou o exército vermelho, o alemão Froelich, o italiano Gennari, um búlgaro e um japonês.

No dia seguinte pronunciou Trótski um longo discurso sobre a crise económica mundial e sobre a acção da Internacional comunista.

C. G. T.

Conselho Jurídico

Os delegados do Conselho Jurídico e o respectivo advogado, devem reunir hoje, às 21 horas, com a presença dum membro do Comité Confederal, a fim de se tratar da situação do mesmo e bem assim para ouvir um delegado da Federação Rural, que para o efeito se encontra em Lisboa.

No Barreiro

Cento e tantos corticeiros despedidos?

As estações oficiais foram informadas do despedimento de cento e tantos operários da fábrica Merold, no Barreiro, pelo que há certa desconfiança entre o operariado local.

Nações rapinantes

O Japão rouba um pedaço da China

LONDRES, 4. — O governo chinês protestou contra a ocupação por os japoneses de Kwantung, na península da Manchúria e destes terem tornado obrigatória a situação da moeda japonesa. — Rádio.

AS PROEZAS DO «FASCISTI»

MAS, AFINAL, QUE É O «FASCISMO»?

É uma espécie de socialismo nacionalista vilhado dum «chauvinismo à outrance» mas que contribui, com os seus actos, para a educação revolucionária das massas

Parante o número incalculável de proezas dos «fascisti» é conveniente explicar o que vem a ser o «fascismo» e a sua génese. Compreender-se há facilmente o que ele seja sabendo-se que o seu fundador é o famoso Maccolini, esse Hervé italiano, que na véspera da entrada da Itália na guerra escreveu contra a sua intervenção no conflito europeu, e passou no dia seguinte a defendê-la.

A tese ideológica do «fascismo», — que tem por emblema o feixe romano com a achá — é uma espécie de socialismo nacionalista polvilhado dum «chauvinismo à outrance», e cuja inconsistência é profunda.

Far-se há uma ideia do espírito que os anima por esta frase: «Para quem a Itália? Para nós» que eles afirmam profundamente em todas as cidades. Que significação pode ter esta frase curta? Nenhumha: chega-nos ao velho sentimentalismo de 48, o «na nossa época» do positivismo, só pode impressionar os jovens ignorantes e superficiais.

Além disso, o «chauvinismo» na Itália é um produto de importação, pois que economicamente e filosoficamente a Itália não forma uma unidade. Predomina a vida regional; o espírito das comunas da idade média subsiste por inteiro, porque não há um centro que exerça uma atracção, como por exemplo Paris para a França.

O que se pode dizer é que sob o impulso dos emigrantes se formou um orgulho de raça que é preciso não confundir com o patriotismo, com o amor do solo. E antes um imperialismo de pacotilha. Nas suas origens o fascismo confundiu-se com as aspirações anarquistas, mas, depois que o governo pôs termo à aventura de Fiume, o chefe dos legionários (ou seja D'Annunzio) recomendou-lhes que não tivessem contactos com o fascismo, e que guardasse em toda a sua independência o respeito e a admiração, pelo seu chefe, que era o único laço que o devia ligar. Eis, nalgumas palavras, a origem e a força do «fascismo». Na realidade, porém, os factos são bem diferentes, porque a própria base do movimento é muito indefinida para lhe dar uma característica única.

Na província de Bolonha — que por ocasião das eleições foi chamada a província vermelha, porque das 62 comunas que a compõem 54 foram conqui-

Virgílio Santos

Morreu ontem este distinto professor e esforçado paladino da escola popular

Fomos ontem à noite esmagados mas não surpreendidos com a notícia da morte de Virgílio Santos. Não surpreendidos, dizemos, porque sabíamos que a vida de Virgílio Santos era uma luta constante e a sua morte era esperada dia a dia.

Virgílio Santos era um dos mais distintos professores primários do país. Inteligentíssimo e estudioso, ele tinha a juntar a essas qualidades uma extraordinária vocação natural para o ensino e um amor, pouco vulgar, infelizmente, pela sua profissão.

Tendo frequentado cursos de aperfeiçoamento na Suíça, ele aprendeu lá a fazer da missão do professor um sacerdócio, dedicando-se ao apostolado do ensino com a honestidade de quem compreende a responsabilidade da missão social do professor. Assim, Virgílio Santos não era só o professor, era também e sobretudo o educador; e como todo o educador tinha um ideal social. Esse ideal era o mesmo que o nosso.

Virgílio Santos era, pois, nosso camada, nosso irmão. Defendendo as mesmas ideias de reconstrução, de transformação social, escreveu em vários jornais de propaganda e colaborou também em A Batalha.

A defesa dos interesses materiais e a elevação moral da sua classe se devotou, apaixonadamente, sendo com o saudoso António Manuaes as mais altas figuras morais da classe do professorado primário oficial.

Virgílio Santos era professor da Escola Normal de Benfica mas há meses que o agratamento da sua antiga doença — a tuberculose — o afastara das aulas e dos seus alunos.

Morreu ontem, pelas 17 horas, na Idanha, onde fora em busca de alívio para a sua enfermidade. O seu funeral realizou-se hoje de manhã no cemitério de Belas.

Nesta sociedade, de poltrões e de egoístas, perde-se com Virgílio Santos um belo carácter, um grande coração e um grande espírito.

No funeral far-se-ão representar o Grémio de Lisboa e a Comissão Executiva da União do Professorado Primário.

Estas colectividades convidam todos os professores primários que o puderem fazer a incorporar-se no funeral do distinto professor, um dos mais conscientes paladinos da escola popular, devendo embarcar para Belas no comboio das 12 horas.

Em Milão o «fascismo» tem tomado também uma certa extensão em consequência do carácter particular da população, pronta e complacente para se deixar embalar e enganar e por isso este movimento desenvolve-se graças à profusão que lhe dá a autoridade.

O que não quer dizer que o governo aprova este movimento, mas a sua autoridade é tão pequena, que as autoridades locais passam sem ela, e fazem o que melhor lhes agrada.

Sobre este fundo muito inconsistente, regem-se toda a escumalha da população. Os arditi formam a base, e estes são quasi todos condenados da direita comum, «cabecinhas fortes» que pediram para ir para o «front» a fim de escaparem à prisão e às galés. Isto explica a selvajaria dos seus actos.

Na Apúlia os proprietários tentaram servir-se do «fascismo» para matar a organização operária e rural, mas a reacção desta foi tão viva, que os proprietários, e a pequena burguesia das cidades, ficaram atarracados.

Num primeiro movimento todos os comerciantes arvoraram a bandeira nacional; mas no dia seguinte, perante as represálias dos camponeses que queimavam as colheitas, incendiavam as vias e deixavam morrer o gado, eles dirigiram-se às sedes das organizações, levando a sua bandeira para terem auto-organização de reabrir os seus estabelecimentos e salvar os seus bens.

Todavia o movimento segue alternativas diversas. É evidente que é difícil aos operários evitar o incêndio das Bolsas de Trabalho e das sedes das associações.

O «fascismo» pelos seus actos contribui para criar nas massas o estado de espírito revolucionário; é um sintoma certo da agonia do regime.

Os «fascisti» partem em caminhões, armados do pé à cabeça, com o consentimento da autoridade, e a não ser que se organize uma revolta permanente, é

O terrorismo em Barcelona

Mais três pessoas mortas a tiro pelos «desconhecidos»

Pela calada da noite, no dia 1 do corrente, quasi à mesma hora, em diferentes pontos de Barcelona caíram assassinados por grupo de «desconhecidos» três indivíduos, dos quais só um até agora se conseguiu identificar.

Trata-se de Francisco Jordán Gallego, operário carpinteiro, de 34 anos de idade, considerado pela polícia como um «anarquista perigoso».

Quanto aos outros também tudo nos leva a crer que sejam elementos de desaque no movimento revolucionário, julgando-se até que um deles — por trazer na algebeira uma carta com as iniciais A. P. — fosse o conhecido militante sindicalista Angelo Pestana, mas o governador de Barcelona desmentiu tal boato, afirmando que ele por enquanto ainda se encontra encarcerado.

Salvador Seguí, quasi em segredo, foi também transferido para as prisões de Barcelona, tendo um jornalista lembrado ao ministro que seria conveniente recomendar-lhe que não fugisse, ao que este respondeu: Julgo que Seguí não é dos que fogem.

Os eléctricos

Os eléctricos

A normalização dos serviços

Desde domingo encontram-se restabelecidas as carreiras dos eléctricos. Graças ao trabalho extenuante e digno de todo o elogio do pessoal encarregado da desobstrução dos carris, puderam os carros sair às primeiras horas da manhã, isto é, algumas horas antes do determinado para o restabelecimento do serviço.

A situação financeira da Carris

A comissão encarregada de examinar a situação financeira da Companhia Carris de Ferro de Lisboa, ficou composta dos sr. coronel Freire, director geral dos transportes, do ministro da guerra, presidente; tenente-coronel Vicente Ferreira, professor do Instituto Superior Técnico e António Malheiro, director geral de Contabilidade.

Em Espanha

O número de bombas lançadas em Barcelona

BARCELONA, 3. — Está confirmado que as bombas lançadas foram em número de seis, sendo uma na Rambla, outra na Plaza de Catalunya, duas em frente do Café Continental e duas em frente do Centro dos Lavradores. Registraram-se mais três novos atentados. — Rádio.

A polícia de Barcelona descobre em Montjuich um subterrâneo tenebroso...

BARCELONA, 4. — No monte de Montjuich, a polícia descobriu um subterrâneo que os sindicalistas utilizavam para depósito de explosivos e de armas. Como estes tivessem conduzido já essas armas e explosivos para outro escondimento, na previsão da busca feita pela polícia, esta esforça-se agora por encontrar o novo paradeiro dos armamentos.

A polícia também descobriu uma reunião de sindicalistas, tendo prendido vários. — Rádio.

A greve dos mineiros em Oviedo

OVIEDO, 4. — Tem continuado a haver reunião da comissão mista de patrões e operários, para se encontrar uma solução ao conflito mineiro. — Rádio.

Mais uma divisão para o matorral de Marrocos?

MADRID, 4. — Torna-se a falar com insistência no próximo envio duma divisão para Marrocos. Os centros oficiais guardam segredo. — Rádio.

U. S. O.

Reúne hoje, ordinariamente, a comissão administrativa pelas 21 horas. A convite deste organismo reuniram-se, na sua respectiva sede, as direcções de vários sindicatos marítimos, a fim de se tratarem assuntos de interesse corporativo. Devido a terem faltado alguns sindicatos, deliberou-se, depois de se assentarem em trabalhos a realizar, convocar-se nova reunião para a próxima semana.

difficil responder a estes ataques, a estas verdadeiras expedições.

Nós, comunistas, entendemos que o «fascismo» contribui para a educação revolucionária das massas, destruindo a confiança na autoridade central, incitando os trabalhadores a recorrerem à revolta e à insurreição para instaurarem o novo regime.

Isto contribui também para destruir a ideologia social-democrática da revolução sem luta.

Não se pode fazer a revolução sem a insurreição armada da classe trabalhadora. Não são os boletins dos votos que destroem o regime actual, mas a acção consciente e coordenada da classe operária e rural pela greve geral contra a burguesia; a posse dos meios de produção em proveito dos trabalhadores, e a destruição do poder central pela ditadura do proletariado apoiada pelo curso activo do exército na Revolução.

O «fascismo» pelos seus actos contribui para criar nas massas o estado de espírito revolucionário; é um sintoma certo da agonia do regime.

(De L. Vie Ouvrière)

O SR. VEREADOR

UMA INTERRUPTÃO

Duas cartas extemporâneas que publicamos por dever de lealdade

Interrompemos hoje os nossos artigos acerca das irregularidades cometidas pela comandita de exploração de pedra, cal e areia do Parque Eduardo VII, conscientemente favorecidas pelo sr. Sousa Neves, em virtude de termos recebido duas cartas que nos apressamos a publicar.

Simplemente achamos extemporânea qualquer refutação, quando a processo vai ainda a sair da praça. No entanto, por dever de lealdade, que neste jornal se usa, passamos a dar a palavra a quem se quer defender.

O sr. Sousa Neves escreve-nos uma carta que não esclarece nem refuta nenhuma das acusações

O sr. Sousa Neves, a propósito do nosso artigo de anteontem, escreveu-nos a seguinte carta:

Camaradas de A Batalha-Vi, sem surpresa alguma, recebi o v.º artigo de v.ºs, em que se dá a conhecer a situação da comandita de exploração de pedra, cal e areia do Parque Eduardo VII, na presença do Chefe do Estado e de várias entidades oficiais e de quem um amigo me esboçou na mesma ocasião. Eu, minha vingança tardia, com o coração e infamíssima. Para apurar até ao ponto a acusação, durante a noite, entreguei o caso a uma comissão de vereadores, que dentro em pouco apresentará o resultado dos seus trabalhos. Até lá não direi sobre o assunto, pedindo-lhes apenas para darem, então, tanta publicidade ao respectivo relatório, como a que está dando ao do meu acusador.

Aproveito a ocasião para lhes afirmar que tenho zelado os haveres do Município com tanto escrupulo, como os valores que me foram confiados, durante a noite e dois anos, pelas Associações de Classe, de Socorro Mutuo, Cooperativas e Centros Políticos. Tenho lido com a mais exactidão e com a mais severidade as contas e valores de tantas colectividades uma vida inteira, e agora a primeira vez que a minha probidade é posta em questão. Mas só depois da comissão de inquérito falar é que eu direi de minha justiça.

Pela publicação destas linhas se confessa muito grato o vosso camarada, Sousa Neves.

Como se vê esta carta que o sr. Sousa Neves nos envia é absolutamente inútil, porque não nos apresenta nenhum argumento que possa destruir o que ontem publicamos. Diz o sr. Sousa Neves: aguarda que a comissão de inquérito diga de sua justiça para depois falar.

Ora nós sabemos muito bem o que são as comissões de inquérito. Nunca vêm nada, nunca apuram nada.

Também uma comissão de inquérito andou a ver se sabia quem tinha assaltado A Batalha e, afinal, por pouco que não nos acusaram a nós como autores do assalto.

Ora nós sabemos muito bem o que são as comissões de inquérito. Nunca vêm nada, nunca apuram nada.

Também uma comissão de inquérito andou a ver se sabia quem tinha assaltado A Batalha e, afinal, por pouco que não nos acusaram a nós como autores do assalto.

Ora nós sabemos muito bem o que são as comissões de inquérito. Nunca vêm nada, nunca apuram nada.

Também uma comissão de inquérito andou a ver se sabia quem tinha assaltado A Batalha e, afinal, por pouco que não nos acusaram a nós como autores do assalto.

Ora nós sabemos muito bem o que são as comissões de inquérito. Nunca vêm nada, nunca apuram nada.

Também uma comissão de inquérito andou a ver se sabia quem tinha assaltado A Batalha e, afinal, por pouco que não nos acusaram a nós como autores do assalto.

Ora nós sabemos muito bem o que são as comissões de inquérito. Nunca vêm nada, nunca apuram nada.

Também uma comissão de inquérito andou a ver se sabia quem tinha assaltado A Batalha e, afinal, por pouco que não nos acusaram a nós como autores do assalto.

Ora nós sabemos muito bem o que são as comissões de inquérito. Nunca vêm nada, nunca apuram nada.

Também uma comissão de inquérito andou a ver se sabia quem tinha assaltado A Batalha e, afinal, por pouco que não nos acusaram a nós como autores do assalto.

Ora nós sabemos muito bem o que são as comissões de inquérito. Nunca vêm nada, nunca apuram nada.

Também uma comissão de inquérito andou a ver se sabia quem tinha assaltado A Batalha e, afinal, por pouco que não nos acusaram a nós como autores do assalto.

Ora nós sabemos muito bem o que são as comissões de inquérito. Nunca vêm nada, nunca apuram nada.

Também uma comissão de inquérito andou a ver se sabia quem tinha assaltado A Batalha e, afinal, por pouco que não nos acusaram a nós como autores do assalto.

Ora nós sabemos muito bem o que são as comissões de inquérito. Nunca vêm nada, nunca apuram nada.

Também uma comissão de inquérito andou a ver se sabia quem tinha assaltado A Batalha e, afinal, por pouco que não nos acusaram a nós como autores do assalto.

Ora nós sabemos muito bem o que são as comissões de inquérito. Nunca vêm nada, nunca apuram nada.

O sr. Vagueiro

UMA INTERRUPTÃO

Duas cartas extemporâneas que publicamos por dever de lealdade

Interrompemos hoje os nossos artigos acerca das irregularidades cometidas pela comandita de exploração de pedra, cal e areia do Parque Eduardo VII, conscientemente favorecidas pelo sr. Sousa Neves, em virtude de termos recebido duas cartas que nos apressamos a publicar.

Simplemente achamos extemporânea qualquer refutação, quando a processo vai ainda a sair da praça. No entanto, por dever de lealdade, que neste jornal se usa, passamos a dar a palavra a quem se quer defender.

O sr. Sousa Neves escreve-nos uma carta que não esclarece nem refuta nenhuma das acusações

O sr. Sousa Neves, a propósito do nosso artigo de anteontem, escreveu-nos a seguinte carta:

Camaradas de A Batalha-Vi, sem surpresa alguma, recebi o v.º artigo de v.ºs, em que se dá a conhecer a situação da comandita de exploração de pedra, cal e areia do Parque Eduardo VII, na presença do Chefe do Estado e de várias entidades oficiais e de quem um amigo me esboçou na mesma ocasião. Eu, minha vingança tardia, com o coração e infamíssima. Para apurar até ao ponto a acusação, durante a noite, entreguei o caso a uma comissão de vereadores, que dentro em pouco apresentará o resultado dos seus trabalhos. Até lá não direi sobre o assunto, pedindo-lhes apenas para darem, então, tanta publicidade ao respectivo relatório, como a que está dando ao do meu acusador.

Aproveito a ocasião para lhes afirmar que tenho zelado os haveres do Município com tanto escrupulo, como os valores que me foram confiados, durante a noite e dois anos, pelas Associações de Classe, de Socorro Mutuo, Cooperativas e Centros Políticos. Tenho lido com a mais exactidão e com a mais severidade as contas e valores de tantas colectividades uma vida inteira, e agora a primeira vez que a minha probidade é posta em questão. Mas só depois da comissão de inquérito falar é que eu direi de minha justiça.

Pela publicação destas linhas se confessa muito grato o vosso camarada, Sousa Neves.

Como se vê esta carta que o sr. Sousa Neves nos envia é absolutamente inútil, porque não nos apresenta nenhum argumento que possa destruir o que ontem publicamos. Diz o sr. Sousa Neves: aguarda que a comissão de inquérito diga de sua justiça para depois falar.

Ora nós sabemos muito bem o que são as comissões de inquérito. Nunca vêm nada, nunca apuram nada.

Também uma comissão de inquérito andou a ver se sabia quem tinha assaltado A Batalha e, afinal, por pouco que não nos acusaram a nós como autores do assalto.

Ora nós sabemos muito bem o que são as comissões de inquérito. Nunca vêm nada, nunca apuram nada.

Também uma comissão de inquérito andou a ver se sabia quem tinha assaltado A Batalha e, afinal, por pouco que não nos acusaram a nós como autores do assalto.

Ora nós sabemos muito bem o que são as comissões de inquérito. Nunca vêm nada, nunca apuram nada.

Também uma comissão de inquérito andou a ver se sabia quem tinha assaltado A Batalha e, afinal, por pouco que não nos acusaram a nós como autores do assalto.

Ora nós sabemos muito bem o que são as comissões de inquérito. Nunca vêm nada, nunca apuram nada.

Também uma comissão de inquérito andou a ver se sabia quem tinha assaltado A Batalha e, afinal, por pouco que não nos acusaram a nós como autores do assalto.

Ora nós sabemos muito bem o que são as comissões de inquérito. Nunca vêm nada, nunca apuram nada.

Também uma comissão de inquérito andou a ver se sabia quem tinha assaltado A Batalha e, afinal, por pouco que não nos acusaram a nós como autores do assalto.

Ora nós sabemos muito bem o que são as comissões de inquérito. Nunca vêm nada, nunca apuram nada.

Também uma comissão de inquérito andou a ver se sabia quem tinha assaltado A Batalha e, afinal, por pouco que não nos acusaram a nós como autores do assalto.

Ora nós sabemos muito bem o que são as comissões de inquérito. Nunca vêm nada, nunca apuram nada.

Também uma comissão de inquérito andou a ver se sabia quem tinha assaltado A Batalha e, afinal, por pouco que não nos acusaram a nós como autores do assalto.

Ora nós sabemos muito bem o que são as comissões de inquérito. Nunca vêm nada, nunca apuram nada.

Também uma comissão de inquérito andou a ver se sabia quem tinha assaltado A Batalha e, afinal, por pouco que não nos acusaram a nós como autores do assalto.

Ora nós sabemos muito bem o que são as comissões de inquérito. Nunca vêm nada, nunca apuram nada.

Também uma comissão de inquérito andou a ver se sabia quem tinha assaltado A Batalha e, afinal, por pouco que não nos acusaram a nós como autores do assalto.

Ora nós sabemos muito bem o que são as comissões de inquérito. Nunca vêm nada,

